1

Ivo da Costa do Rosário
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

DIÁLOGOS ENTRE HOPPER (1991), HIMMELMANN (2004) E A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-755-2.1

INTRODUÇÃO

A história da Linguística Funcional, assim como de outras correntes teóricas, é marcada por sobreposições que nem sempre são devidamente sistematizadas ou articuladas entre si. Essa falta de sistematização pode levar a um esmaecimento progressivo dos alicerces conceituais que deram origem às perspectivas hoje em voga. Revisitar os clássicos funcionalistas, portanto, não é um exercício de nostalgia acadêmica, mas uma necessidade epistemológica: somente a partir da compreensão precisa das bases conceituais de uma área de pesquisa é possível avaliar criticamente sua trajetória teórico-metodológica, identificar lacunas e potencializar inovações.

Este capítulo parte de uma premissa central: as contribuições de Paul J. Hopper (1991) e de Nikolaus P. Himmelmann (2004) continuam centrais para a pesquisa linguística contemporânea, especialmente para a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme delineada por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016), Rosário (2022), entre outros. Contudo, essas contribuições frequentemente aparecem citadas de maneira oblíqua, sem que seu poder explicativo seja integralmente explorado dentro do quadro construcional.

Os cinco princípios heurísticos de Hopper – Estratificação (*Layering*), Divergência (*Divergence*), Especialização (*Specialization*), Persistência (*Persistence*) e Decategorização (*Decategorialization*) – foram concebidos originalmente como ferramentas para identificar instâncias potenciais de gramaticalização em estágios iniciais. Embora o próprio autor alertasse para o fato de que tais princípios não distinguem gramaticalização de outros tipos de mudança, sua atualidade e potência descritiva permanecem incontestáveis. Defendemos que a LFCU, ao adotar uma perspectiva construcional da gramática, pode ressignificar esses princípios em termos de redes esquemáticas, *entrenchment* e produtividade.

Por sua vez, Himmelmann (2004) propõe que a gramaticalização é fundamentalmente um processo de expansão de contexto. Com isso, o autor adota uma perspectiva que desloca o foco dos itens lexicais individuais para instâncias mais complexas como unidades de análise[1]. Essa mudança de foco, deve ser frisado desde já, é perfeitamente compatível com os pressupostos da LFCU, que toma as construções como nós simbólicos da rede gramatical.

Este capítulo organiza-se da seguinte forma: a seção 1 apresenta os fundamentos teóricos da LFCU e sua articulação com a Linguística Cognitiva e o Funcionalismo Clássico; a seção 2 analisa os cinco princípios de Hopper (1991) e sua reinterpretação construcional; a seção 3 discute os três tipos de expansão de Himmelmann (2004) e suas interfaces com os conceitos nucleares da LFCU; a seção 4 sistematiza as articulações entre os dois modelos; a seção 5 conclui com considerações sobre a complementaridade entre as tradições teóricas examinadas.

Para ilustrar as ocorrências da língua em uso, destacaremos, em maior medida, dados da pesquisa de Souza (2025), que se debruçou sobre o estudo de conectores de finalidade em português, à luz do arcabouço teórico que adotamos neste trabalho.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS:
UM PANORAMA GERAL DA LFCU

A descrição e a análise da gramática das línguas naturais têm se beneficiado, nas últimas décadas, de uma perspectiva teórica que une rigor empírico e pressupostos cognitivistas: a Linguística

[1] *"Strictly speaking, it is never just the grammaticizing element which undergoes grammaticization. Instead, it is the grammaticizing element in its syntagmatic context which is grammaticized. That is, the unit to which grammaticization properly applies are constructions, not isolated lexical items."* (Himmelmann, 2004, p. 31)

Funcional Centrada no Uso (LFCU). Resultante da confluência entre o Funcionalismo Clássico norte-americano, representado por Givón (1979), Hopper e Thompson (1980), Traugott e Heine (1991) e Du Bois (1987), e a Linguística Cognitiva, com destaque para Langacker (1987, 2008), Goldberg (1995, 2006), Lakoff (1987) e Fillmore (1988), a LFCU parte de um pressuposto central: o conhecimento gramatical é indissociável do uso concreto da língua. Nessa visão, a gramática não constitui um sistema autônomo, inato e separado do léxico e da cognição geral, mas emerge das regularidades observadas nos eventos de uso, ou seja, de unidades concretas de interação comunicativa entre falantes situados em contextos específicos (Bybee, 2010; Tomasello, 2003).

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) constitui, nas últimas décadas, uma das perspectivas mais produtivas para a descrição e análise da gramática das línguas naturais. Rosário (2022) afirma que a LFCU é uma abordagem que busca descrever os padrões gramaticais das línguas a partir de dados reais de uso, combinando as contribuições do Funcionalismo Clássico com os progressos metodológicos e conceituais da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções.

Em linhas gerais, a LFCU parte do pressuposto de que o conhecimento gramatical é indissociável do uso concreto da língua (Hoffmann; Trousdale, 2013). A gramática não é um sistema autônomo e inato, separado do léxico e da cognição geral, mas emerge das regularidades observadas nos eventos de uso, configuradas como unidades concretas de interação comunicativa entre falantes situados em contextos específicos (Bybee, 2010; Tomasello, 2003). Essa premissa tem consequências metodológicas diretas: a análise linguística deve necessariamente ser baseada em dados reais de uso, obtidos em *corpora* representativos e bem controlados.

O modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013) é particularmente relevante para a nossa discussão. Em *Constructionalization*

and Constructional Changes, os autores propõem que há três dimensões mais relevantes na análise das construções de uma língua. São elas: (i) a esquematicidade, que diz respeito ao nível de abstração de uma construção; (ii) a produtividade, que se refere à frequência *type*, ou seja, à gama de elementos que instanciam uma construção; e (iii) a composicionalidade, que mede o grau de transparência entre as partes e o todo. Esses três parâmetros dialogam diretamente com os princípios de Hopper (1991) e com os tipos de expansão de Himmelmann (2004), como se demonstrará nas seções seguintes.

Outro ponto deve ser evocado. Um dos conceitos mais centrais do Funcionalismo Clássico é o de gramática emergente, proposto por Hopper (1987). Para o autor, a gramática não é uma estrutura prévia à fala, mas uma tendência de regularização que emerge continuamente do uso. Na visão do pesquisador, não há uma gramática *a priori* que os falantes seguem; ao contrário, há padrões que se estabilizam gradualmente a partir da repetição de estruturas funcionalmente motivadas em contextos comunicativos recorrentes.

Defendemos que essa noção é plenamente compatível com a perspectiva construcional adotada pela LFCU. As redes de construções postuladas por autores como Goldberg (2006) e Croft (2001) não são estruturas cristalizadas e imutáveis, mas organizações dinâmicas que se reconfiguram em função dos padrões de uso. O *entrenchment*, caracterizado como a fixação cognitiva de padrões em função de sua frequência de uso, é justamente o mecanismo cognitivo que viabiliza a emergência gramatical descrita por Hopper (1991). Schmid (2020) reforça esse ponto de vista ao postular que o *entrenchment* é a reorganização contínua do conhecimento linguístico na mente dos falantes, impulsionada por atividades de uso repetidas em eventos de uso e sujeita às exigências dos processos de convencionalização que ocorrem nas comunidades de fala.

Feitas essas considerações iniciais, que servem como enquadre geral para a discussão a ser travada, vejamos como Hopper (1991) pode ser reinterpretado modernamente, na perspectiva construcional da gramática.

OS PRINCÍPIOS DE HOPPER (1991) E SUA REINTERPRETAÇÃO CONSTRUCIONAL

O artigo seminal de Hopper (1991), *On some principles of grammaticization*, publicado no primeiro volume da coletânea organizada por Traugott e Heine, estabeleceu um conjunto de cinco princípios descritivos da gramaticalização que se tornaram referência nos estudos sobre mudança gramatical. É importante, contudo, compreender o estatuto epistemológico desses princípios desde o início, já que o próprio pesquisador foi enfático ao esclarecer que eles foram concebidos como heurísticas, ou seja, breves reflexões para identificar instâncias potenciais de gramaticalização em estágios iniciais, e não como critérios diagnósticos definitivos.

Nas palavras do autor, estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização não pertencem ao domínio exclusivo da gramaticalização, mas são comuns à mudança em geral (Hopper, 1991). Além disso, ele também acrescenta: "uma vez que a gramaticalização é sempre uma questão de grau, e não algo absoluto, os critérios que controlam essa gradação não estão restritos à gramaticalização, mas são simplesmente critérios gerais de mudança[2]" (Hopper, 1991, p. 33).

2 *"[...] that since grammaticization is always a question of degree, not an absolute, the criteria which control this gradation are not restricted to grammaticization, but are simply general criteria of change."* (Hopper, 1991, p. 33)

Essa posição epistemológica é fundamental para a compreensão da relevância contemporânea desses princípios. Como não são critérios exclusivos da gramaticalização, eles podem ser transpostos para um quadro mais amplo de descrição da mudança gramatical em geral, incluindo, portanto, os processos de construcionalização e mudança construcional descritos pela LFCU. Vejamos cada um dos princípios.

ESTRATIFICAÇÃO (*LAYERING*)

O princípio da estratificação é enunciado por Hopper da seguinte maneira: "dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. À medida que isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer para coexistir e interagir com as camadas mais novas" [3] (Hopper, 1991, p. 22).

Em termos construcionais, a estratificação corresponde ao aumento de esquematicidade e à expansão do *constructicon*. O convívio de camadas dentro de um mesmo domínio funcional implica a coexistência de construções com diferentes graus de abstração e diferentes perfis de frequência. No português, observa-se claramente esse fenômeno no domínio das construções de finalidade, em que convivem construções mais lexicalizadas e composicionais (como "com o propósito de + INF") ao lado de construções mais convencionalizadas e menos composicionais (como "para + INF"). Vejamos a tabela a seguir, extraída de Souza (2025, p. 133):

3 *"Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded, but may remain to coexist with and interact with the newer layers."* (HOPPER, 1991, p. 22)

Tabela 1 – Conectores de finalidade em perspectiva diacrônica

Século	Type	Nº de dados
Século XVII	*Com o fim de*	07
	Com o/no propósito de	01
	TOTAL:	***08 dados***
Século XVIII	*Com o fim de*	02
	Com o/no fito de	04
	TOTAL:	***06 dados***
Século XIX	*Com o fim de*	96
	Com o/no propósito de	67
	Com o/no fito de	07
	Com o/no intuito de	89
	TOTAL:	***259 dados***
Século XX	*Com o fim de*	39
	Com o/no propósito de	100
	Com o/no fito de	16
	Com o/no intuito de	100
	Com o/no objetivo de	100
	Com a/na finalidade de	82
	TOTAL:	***437 dados***
Século XXI	*Com o fim de*	100
	Com o/no propósito de	100
	Com o/no fito de	100
	Com o/no intuito de	100
	Com o/no objetivo de	100
	Com a/na finalidade de	100
	TOTAL:	***600 dados***

Fonte: Souza (2025, p. 133).

Os dados apresentados na Tabela 1 evidenciam, de forma bastante clara, a operação do princípio da estratificação (*layering*) no domínio das construções de finalidade do português. Como postula Hopper (1991), novas camadas surgem continuamente dentro de um domínio funcional sem que as mais antigas sejam necessariamente descartadas. É exatamente isso que os números revelam: no século XVII, "com o fim de" figura como representante quase exclusiva do subesquema [Prep (det) N de]^{conect} com 7 ocorrências, ao passo que "com o/no propósito de" aparece de forma incipiente, com apenas 1 dado. Nos séculos seguintes, novas microconstruções vão emergindo progressivamente: "com o/no fito de" aparece no século XVIII, "com o/no intuito de" no XIX, e "com o/no objetivo de" e "com a/na finalidade de" apenas no século XX. Cada século acrescenta, portanto, uma nova camada ao *constructicon*, sem suprimir as anteriores.

O crescimento expressivo do número total de dados - de 8 ocorrências no século XVII para centenas no século XXI - acompanha esse processo de estratificação e aponta diretamente para o aumento da produtividade do subesquema, compreendida, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), como expansão da frequência *type*. A estratificação implica justamente a ampliação dessa frequência, pois a coexistência de camadas robustece a rede dos conectores. A Tabela 1 torna visível esse processo: quanto mais camadas se acumulam, maior a diversidade de microconstruções que instanciam o subesquema de finalidade, e maior a frequência total de uso do padrão.

Por fim, a distribuição dos dados no século XXI demonstra que nenhuma das formas mais antigas, como "com o fim de", desaparece; ao contrário, ela permanece ativa ao lado das mais recentes. Isso confirma, empiricamente, a premissa central do princípio de *layering*: as camadas mais antigas não são eliminadas pela emergência das novas, mas coexistem e interagem com elas, configurando um domínio funcional cada vez mais rico e estratificado.

A estratificação também se manifesta nas ligações horizontais na rede de microconstruções. Traugott e Trousdale (2013) assinalam que a expansão da classe hospedeira, discutida mais adiante a partir de Himmelmann (2004), é diretamente relacionada à estratificação, pois a emergência de novas camadas implica necessariamente a ampliação da frequência *type*.

DIVERGÊNCIA (*DIVERGENCE*)

O princípio da divergência estabelece que "quando uma forma lexical sofre gramaticalização para se tornar um clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns[4]" (Hopper, 1991, p. 22).

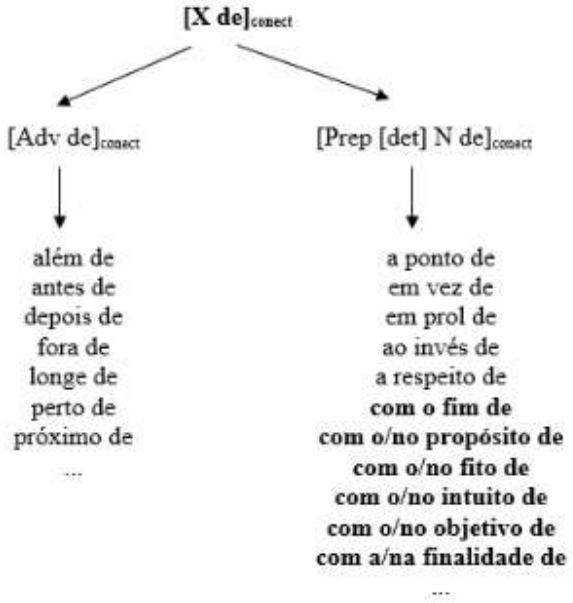
A divergência implica que a mudança linguística de um item não elimina seu uso anterior, ou seja, uma camada mais antiga na língua. A polissemia resultante é motivada contextualmente, e as pequenas diferenças funcionais entre as formas derivadas e as formas-fonte levam à emergência de construções distintas na rede. Em termos construcionais, a divergência corresponde à reconfiguração de *links* da rede e à ligação a subesquemas distintos.

No português, a divergência pode ser observada, por exemplo, na trajetória do item "enquanto", que mantém usos temporais (semântica mais básica) simultaneamente a usos concessivos (semântica mais abstrata). As duas formas partem do mesmo étimo, mas instanciam construções distintas na rede: a construção temporal [enquanto + oração] e a construção concessiva [enquanto (que) + oração], com perfis de frequência e contextos de uso diferenciados.

4 *"When a lexical form undergoes grammaticization to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items."* (HOPPER, 1991, p. 22)

Vejamos mais um exemplo:

Esquema 1 – Microconstruções conectoras finais na rede [X de]^{conect}



Fonte: Souza (2025, p. 94).

De modo muito direto, o princípio da divergência diz respeito à situação em que uma forma sofre mudança gramatical, mas a forma-fonte permanece como elemento autônomo, seguindo seu próprio percurso de mudança independentemente da forma gramaticalizada. Ou seja, a mesma forma de origem gera dois elementos distintos: um que se gramaticalizou e outro que permanece com seu estatuto original.

Para compreendermos bem esse princípio, à luz do Esquema 1, seria necessário identificar, na rede, casos em que um item lexical de origem deu lugar simultaneamente a uma microconstrução conectora e manteve seu uso como forma livre com sentido original.

Por exemplo, o substantivo "fim" (propósito, término) preserva seu uso lexical autônomo no português ao mesmo tempo em que integra a microconstrução "com o fim de", já gramaticalizada como conector de finalidade. O mesmo raciocínio se aplica a "propósito", "intuito", "objetivo" e "finalidade". Todos esses itens ainda funcionam como nomes livres na língua, com seus sentidos lexicais plenos, enquanto simultaneamente integram microconstruções conectoras na rede.

Sendo assim, a imagem ilustra a divergência na "dupla vida" de cada item nominal que compõe essas microconstruções: de um lado, o item lexical autônomo; de outro, o mesmo item integrado a uma construção gramaticalizada. Essa coexistência sem apagamento da forma-fonte é precisamente o que define o princípio da divergência.

O conceito de divergência é particularmente relevante para a análise de processos de construcionalização, pois indica que a criação de novos nós na rede não implica o desaparecimento dos nós originais.

ESPECIALIZAÇÃO (*SPECIALIZATION*)

O princípio da especialização descreve o estreitamento de opções formais em um domínio funcional: "dentro de um domínio funcional, em um determinado estágio, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível; à medida que a gramaticalização ocorre, essa variedade de escolhas formais se estreita, e o número menor de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais[5]" (Hopper, 1991, p. 22).

Em termos construcionais, a especialização corresponde ao processo de *entrenchment* (fixação cognitiva de padrões em função da frequência de uso) e ao fenômeno do *chunking*, em que

5 *"Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings."* (HOPPER, 1991, p. 22)

sequências de elementos passam a ser processadas como unidades holísticas de forma e sentido. A perda de composicionalidade e o fortalecimento de subesquemas são consequências diretas da especialização. Vejamos esses dados extraídos de dados de língua em uso:

(1) A história mais antiga começa no princípio do Mundo; a mais estendida e continuada acaba nos tempos em que foi escrita. Esta nossa começa no tempo em que se escreve, continua por toda a duração do Mundo e acaba **com o fim dele.** Mede os tempos vindouros antes de virem, conta os sucessos futuros antes de sucederem, e descreve feitos heróicos e famosos, antes de a fama os publicar e de serem feitos *(Corpus Vercial, séc. XVII / id="História_do_Futuro_IProsa:ensaio AV 1659 masc"*).

(2) Durante o voo, Audrey Spitz conhece o charmoso Charles Cavendish que convida o casal, **em prol de** aborrecer os noivos, para o casamento de o tio Malcolm Quince a realizar-se em um iate (*Corpus do Português*, séc. XXI).

Esses dois dados ilustram com precisão o princípio da especialização (*specialization*), que descreve o estreitamento de opções formais em um domínio funcional, com algumas formas assumindo significados mais gerais e gramaticais em detrimento de outras.

Em (1), "com o fim dele" não funciona como conector de finalidade. Ao contrário, trata-se de um sintagma nominal pleno e composicional, em que "fim" preserva seu sentido lexical de término ou acabamento. A construção é inteiramente transparente: "com o fim dele" equivale a "com o término dele", referindo-se ao fim do mundo. Não há uso gramaticalizado; a forma ainda pertence ao léxico, com alta composicionalidade e sem fixação como unidade conectora.

Por outro lado, em (2), "em prol de" já funciona como uma microconstrução conectora gramaticalizada, com sentido de finalidade/benefício. O item "prol", que originalmente significava proveito,

benefício, praticamente não circula mais de forma autônoma no português contemporâneo. A construção perdeu composicionalidade e, consequentemente, o seu uso ficou "especializado" na função conectora.

Esses dois dados, portanto, ilustram momentos distintos do processo de especialização: enquanto (1) registra uma forma ainda lexical e composicional, (2) registra uma construção que já passou pelo estreitamento funcional descrito por Hopper, uma vez que o leque de sentidos se reduziu, e a forma se fixou em uma função gramatical específica, perdendo a transparência composicional original. É justamente esse estreitamento (de forma livre a unidade especializada) que define o princípio em questão.

PERSISTÊNCIA (*PERSISTENCE*) E DECATEGORIZAÇÃO (*DECATEGORIALIZATION*)

O princípio da persistência indica que "quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma função gramatical, enquanto for gramaticalmente viável, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a aderir a ela, e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos em restrições sobre sua distribuição gramatical[6]" (Hopper, 1991, p. 22).

Em termos construcionais, a persistência corresponde à preservação de aspectos da composicionalidade construcional. Mesmo quando uma construção se torna mais esquemática e holística, traços semânticos da construção-fonte podem permanecer ativos, determinando restrições de uso e de distribuição.

6 *"When a form undergoes grammaticization from a lexical to a grammatical function, so long as it is grammatically viable some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution."* (Hopper, 1991, p. 22)

Já o princípio da decategorização estabelece que "formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos característicos das categorias plenas substantivo e verbo, e a assumir atributos característicos de categorias secundárias como adjetivo, particípio, preposição etc.[7]" (Hopper, 1991, p. 22).

Vejamos mais dois dados de língua em uso:

(3) O jogo ficou condicionado logo à partida pelo gol do Sanjoanense, aos quatro minutos, marcado por Carlos Ferreira. Esta equipa entrou em campo **com um propósito** claro **de** jogar rápido em contra-ataque *para* tentar surpreender a Desportiva (*Corpus do Português – Gênero Histórico; séc. XX)*

(4) Enquanto isso, Anfião e Zeto, que haviam sido resgatados e criados por pastores, tomaram conhecimento de sua verdadeira origem e da triste sorte que sua mãe havia tido. Rumaram pois, para Tebas, **com o** firme **propósito de** libertar Antíopa e vingá-la (*Corpus do Português – Gênero Histórico; séc. XX)*

Como já afirmado, o princípio da persistência estabelece que traços do significado lexical original de uma forma tendem a permanecer ativos mesmo quando ela avança em direção a usos mais gramaticais. Nos dados (3) e (4), "propósito" preserva nitidamente seu sentido lexical de intenção ou desígnio consciente, e isso é reforçado pelos modificadores adjetivais presentes em cada ocorrência. Em (3), "um propósito **claro**" e em (4), "o **firme** propósito", ambos os adjetivos modificam diretamente o substantivo, atestando que, na palavra "propósito", ainda "persistem" (daí "persistência") traços de sua categoria de origem, que é a de núcleo nominal pleno, com seu conteúdo semântico bastante preservado.

7 *"Forms undergoing grammaticization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the full categories Noun and Verb, and to assume attributes characteristic of secondary categories such as Adjective, Participle, Preposition, etc."* (HOPPER, 1991, p. 22)

Ao mesmo tempo, os dois dados também permitem observar indícios de decategorização, ainda que em grau incipiente. Em ambos os casos, "com o/um propósito de + INF" começa a se aproximar funcionalmente de um conector de finalidade, haja vista seu papel análogo ao de um conector hipotático de finalidade. Em (3), "com um propósito claro de jogar rápido", e em (4), "com o firme propósito de libertar Antíopa", poderiam ser parafraseados por "para jogar rápido" e "para libertar Antíopa", respectivamente, sem grande alteração de sentido. Isso indica que "propósito", embora ainda nominal e modificável por adjetivo, o que atesta sua composicionalidade, começa a perder parte dos privilégios sintáticos típicos de um substantivo pleno, ensaiando uma redistribuição funcional em direção à categoria de conector.

O que torna esse par especialmente interessante é justamente a tensão entre os dois princípios: a persistência retém o conteúdo semântico e a estrutura nominal de "propósito", ao mesmo tempo em que a decategorização já pressiona a construção na direção de um uso mais gramatical e menos composicional. Esses dados do século XX capturam, portanto, um momento intermediário desse percurso, em que a forma ainda não se fixou como conector, mas já exibe comportamento funcional compatível com essa trajetória. Defendemos que a descrição desse tipo de fenômeno fica bastante enriquecida com a evocação desses princípios de Hopper.

TIPOS DE EXPANSÃO DE HIMMELMANN (2004) E SUAS INTERFACES COM A LFCU

Himmelmann (2004) propõe uma revisão fundamental do conceito de gramaticalização: em vez de entendê-la como processo que afeta itens lexicais isolados, o autor argumenta que a unidade de análise da gramaticalização deve ser a construção como um todo.

Segundo o autor, "estritamente falando, nunca é apenas o elemento que sofre gramaticalização. Em vez disso, é o elemento em seu contexto sintagmático que é gramaticalizado. Ou seja, a unidade à qual a gramaticalização se aplica propriamente são as construções, e não os itens lexicais isolados[8]." (Himmelmann, 2004, p. 31).

Essa reorientação analítica é de profundo impacto teórico. É verdade que o autor, àquela altura, ainda não adotava o conceito teórico de construção. Contudo, ao olhar para o fenômeno linguístico para além do item, de alguma forma, Himmelmann (2004) antecipa e legitima a abordagem construcional da gramática, que se tornaria dominante na LFCU ao longo das décadas seguintes. De modo ainda mais incisivo, o autor propõe que, "de um ponto de vista baseado na construção, a gramaticalização é essencialmente um processo de expansão de contexto[9]." (Himmelmann, 2004, p. 32).

Essa formulação oferece uma caracterização operacional da gramaticalização em termos construcionais: "gramaticalizar" é expandir os contextos em que uma construção pode ocorrer. Os três tipos de expansão propostos por Himmelmann (2004) (de classe hospedeira, de contexto sintático e de contexto semântico-pragmático) descrevem as dimensões desse processo. Vejamos uma a uma.

EXPANSÃO DE CLASSE HOSPEDEIRA

A expansão de classe hospedeira (*host-class expansion*) refere-se ao fato de que a classe de elementos com os quais o elemento gramatical está em construção pode ser expandida. Himmelmann (2004, p. 32) exemplifica: "quando os demonstrativos

8 *"Strictly speaking, it is never just the element that undergoes grammaticalization. Rather, it is the element in its syntagmatic context that is grammaticalized. That is, the unit to which grammaticalization properly applies is constructions, not isolated lexical items"* (Himmelmann, 2004, p. 31).

9 *"From a construction-based perspective, grammaticalization is essentially a process of context expansion"* (Himmelmann, 2004, p. 32).

são gramaticalizados para artigos, eles podem começar a coocorrer regularmente com nomes próprios ou substantivos que designam entidades únicas (como sol, céu, rainha, etc.), ou seja, substantivos com os quais eles tipicamente não coocorriam antes[10]." (Himmelmann, 2004, p. 32).

Em termos construcionais, a expansão de classe hospedeira corresponde ao aumento de produtividade (frequência *type*) e à expansão dos esquemas e subesquemas da rede. Traugott e Trousdale (2013, p. 16) denominam esse fenômeno de "expansão colocacional", que é o processo pelo qual uma construção passa a ser compatível com um número crescente de elementos da classe hospedeira.

O Esquema 1 anteriormente apresentado foi evocado neste trabalho para ilustrar o princípio da divergência. A questão é que essa mesma rede de microconstruções conectoras organizadas sob o esquema [X de]^{conect} também ilustra com precisão o conceito de expansão da classe hospedeira (*host-class expansion*), tal como formulado por Himmelmann (2004). Esse tipo de expansão refere-se ao alargamento da classe de elementos que podem ocupar a posição hospedeira de uma construção, ou seja, diz respeito à ampliação dos itens que passam a integrar um mesmo padrão construcional.

No Esquema 1, isso se manifesta na diversidade de microconstruções que instanciam o subesquema [Prep (det) N de]^{conect}: "com o fim de", "com o/no propósito de", "com o/no fito de", "com o/no intuito de", "com o/no objetivo de" e "com a/na finalidade de" são todas formas distintas que passam a ocupar a posição do núcleo nominal (N) dentro do mesmo padrão estrutural. Cada novo item nominal que ingressa nessa posição colabora para uma expansão da classe hospedeira do subesquema.

10 *"When demonstratives are grammaticalized into articles, they may begin to occur regularly with proper nouns or nouns denoting unique entities (such as the sun, the sky, the queen, etc.), that is, nouns with which they typically did not co-occur before"* (Himmelmann, 2004, p. 32).

Essa expansão conecta-se diretamente ao princípio de *layering*: o crescimento progressivo do número de microconstruções ao longo dos séculos (de "com o fim de" no XVII até "com a/na finalidade de" no XX) é precisamente a manifestação diacrônica da expansão da classe hospedeira. Como Traugott e Trousdale (2013) assinalam, esse fenômeno corresponde ao aumento da frequência *type*, ou seja, ao crescimento da diversidade de itens que instanciam uma construção. Cada novo nome que ingressa no subesquema [Prep (det) N de]^{conect} amplia o inventário linguístico, aumentando a produtividade do esquema como um todo. A rede que a imagem representa é, portanto, o retrato sincronizado desse processo acumulativo.

Vale notar ainda que a expansão da classe hospedeira não ocorre de forma aleatória: os itens nominais que ingressam no subesquema — "fim", "propósito", "fito", "intuito", "objetivo", "finalidade" — compartilham um traço semântico comum ligado à noção de intencionalidade e meta, o que explica sua compatibilidade com a função conectora de finalidade. Isso se liga ao que foi discutido sobre o princípio da persistência: esses itens só conseguem integrar o subesquema porque preservam, em alguma medida, seu conteúdo semântico original, e é justamente esse conteúdo que motiva e orienta a expansão da classe hospedeira. A rede, assim, não se expande de modo irrestrito, mas segue as trilhas semânticas abertas pelos itens que já a integram, por relações analógicas.

EXPANSÃO DE CONTEXTO SINTÁTICO

A expansão de contexto sintático diz respeito ao fato de que "o contexto sintático mais amplo no qual a construção em questão é usada pode mudar[11]" (Himmelmann, 2004, p. 32). Trata-se, em termos construcionais, do processo de *entrenchment* e fixação de

11 *"The broader syntactic context in which the construction in question is used may change."* (Himmelmann, 2004, p. 32).

microconstruções mais específicas, acompanhado da perda de composicionalidade sintática e da neoanálise sintática.

Traugott e Trousdale (2013, p. 107) descrevem esse processo como o "aumento dos usos sintáticos disponíveis": uma construção que originalmente aparecia apenas em determinados contextos sintáticos passa a ser usada em contextos sintaticamente mais variados, ampliando, assim, sua distribuição na gramática.

Para discutirmos um pouco mais esse conceito, retomemos a leitura e a análise dos dados (1) e (2) apresentados neste texto anteriormente, quando tratamos do princípio da especialização. Em (1), "com o fim dele" ocorre em um contexto sintático típico de sintagma nominal preposicionado, funcionando como adjunto adverbial de uma oração principal: "acaba com o fim dele". A construção é bastante composicional: "fim" é núcleo nominal modificado pelo pronome "dele", e a preposição "com" estabelece uma relação circunstancial com o verbo "acabar". O contexto sintático, portanto, é o de um SP argumental ou adjunto, preso à estrutura oracional de forma dependente do verbo que o seleciona. Não há qualquer indício de que a sequência funcione como conector interoracional, pois ela não articula duas orações, não introduz uma oração infinitiva de finalidade e nem pode ser deslocado para posição de conector. Seu contexto sintático de ocorrência é restrito e fortemente determinado pela estrutura argumental do verbo "acabar".

Já em (2), "em prol de" opera em um contexto sintático radicalmente diferente: ele introduz diretamente uma oração infinitiva ("em prol de aborrecer os noivos"), articulando-a à oração matriz como adjunto de finalidade. Essa é precisamente a expansão de contexto sintático descrita por Himmelmann (2004): a construção, que em estágios anteriores poderia ocorrer apenas em contextos nominais mais restritos, passa a ocorrer em contextos sintaticamente mais variados, neste caso introduzindo orações infinitivas com função conectora. A mobilidade sintática aumenta, a dependência do verbo

hospedeiro desaparece, e a construção passa a funcionar de forma mais autônoma na arquitetura da sentença.

Esse percurso conecta-se diretamente ao que foi discutido sobre a especialização: enquanto a especialização descreve o estreitamento semântico-funcional ou o afunilamento de "fim"/"prol" em direção a um único valor gramatical, a expansão de contexto sintático descreve a contrapartida distribucional desse processo, ou seja, a ampliação dos ambientes sintáticos em que a construção especializada passa a ocorrer. Os dois fenômenos são, portanto, complementares: à medida que a forma perde composicionalidade e se fixa em uma função gramatical específica (especialização), ela ganha mobilidade e autonomia sintática (expansão de contexto sintático), podendo aparecer em posições e estruturas que antes lhe eram inacessíveis. O dado (2) representa esse estágio mais avançado, em que a construção já circula livremente como conector interoracional de finalidade.

EXPANSÃO DE CONTEXTO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO

A expansão de contexto semântico-pragmático, considerada por Himmelmann (2004) a principal dimensão da gramaticalização, refere-se ao alargamento dos ambientes de uso de uma construção, possibilitando sua ocorrência em diferentes contextos semânticos e pragmáticos. Em termos construcionais, essa expansão corresponde à neoanálise semântica, ou seja, à reinterpretação do significado de uma construção em função de novos contextos de uso.

Traugott e Trousdale (2013, p. 107) assinalam que "alguma expansão semântico-pragmática geralmente precede a construcionalização gramatical", o que indica que essa dimensão tem papel central no desencadeamento do processo de mudança. A expansão semântico-pragmática cria os contextos propícios para a neoanálise e, consequentemente, para a emergência de novos nós na rede.

Para ampliarmos essa discussão, voltemos aos dados (1) e (2) mais uma vez. Em (1), "com o fim dele" opera em um contexto semântico-pragmático em que o significado é inteiramente literal e referencial: "fim" denota término ou acabamento físico de uma entidade concreta, no caso, o mundo. A construção não veicula qualquer leitura de finalidade ou intencionalidade; ela descreve simplesmente o momento em que algo cessa de existir. O contexto semântico-pragmático é o de um texto de natureza profética e ensaística, mas mesmo nesse ambiente discursivo mais elaborado, a construção não ultrapassa os limites de seu significado composicional. Não há inferência de propósito nem agentividade implícita nem orientação para uma meta futura. Todos os traços semântico-pragmáticos que caracterizariam um conector de finalidade estão ausentes. O contexto semântico-pragmático de (1), portanto, é ainda inteiramente compatível com o estatuto lexical e nominal de "fim".

Em (2), "em prol de aborrecer os noivos" opera em um contexto semântico-pragmático completamente distinto. A construção veicula uma leitura de finalidade ou motivação, introduzindo a razão pela qual Charles Cavendish convida o casal. O traço de intencionalidade, que está presente originalmente no significado lexical de "prol" (proveito, benefício), foi reinterpretado pragmaticamente: já não se trata de um benefício concreto atribuível a um referente específico, mas de uma função discursiva de ancoragem da meta de um agente. Essa reinterpretação é precisamente o que Himmelmann (2004) chama de expansão de contexto semântico-pragmático: a construção passa a ser usada em contextos em que seu significado original não daria conta sozinho. Agora ocorre uma neoanálise semântica que a desloca em direção a um valor mais gramatical e abstrato.

Esse movimento completa o quadro que vínhamos construindo a partir da especialização e da expansão sintática. Se a especialização descreveu o estreitamento funcional da forma em direção a um único valor gramatical, e a expansão sintática descreveu a consequente ampliação dos ambientes distribucionais em que

a construção passou a ocorrer, a expansão semântico-pragmática revela o mecanismo desencadeador de todo esse processo: é a pressão dos novos contextos de uso que força a reinterpretação e abre caminho para a neoanálise.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), a expansão semântico-pragmática geralmente precede a construcionalização gramatical, funcionando como gatilho das demais mudanças. Os dados (1) e (2) capturam, assim, os dois extremos desse percurso: o ponto de partida lexical e o ponto de chegada gramatical.

ARTICULAÇÕES ENTRE HOPPER (1991), HIMMELMANN (2004) E A ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

As seções precedentes demonstraram que os princípios de Hopper (1991) e os tipos de expansão de Himmelmann (2004) não são perspectivas concorrentes, mas complementares, e que ambas se articulam produtivamente com os pressupostos teórico-metodológicos da LFCU. É possível sistematizar essas articulações em termos de alguns paralelos analíticos, conforme demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 1 – Articulações entre Hopper (1991) e Himmelmann (2004)

Hopper (1991)	Himmelmann (2004)	Articulações
Camadas ou Estratificação	Expansão de classe hospedeira	Expansão da rede esquemática; formação de novos *links* horizontais; convivência + ampliação da rede
Divergência	Expansão semântico-pragmática	Reconfiguração de *links* e múltiplas trajetórias semânticas

Decategorização	Expansão sintática	*Entrenchment;* perda de composicionalidade; mudança formal envolvendo redistribuição sintática
Especialização [plano sintático]	-	Perda de composicionalidade; *chunking*
Persistência [plano semântico]	-	Preservação de composicionalidade

Fonte: elaboração própria.

Camadas ou estratificação (Hopper, 1991) e expansão de classe hospedeira (Himmelmann, 2004) convergem para a descrição de um mesmo fenômeno: a coexistência de múltiplas formas em um domínio funcional e a ampliação progressiva do *constructicon*. Em termos construcionais, esse processo se manifesta na expansão da rede e na formação de novos *links* horizontais entre microconstruções.

Divergência (Hopper, 1991) e expansão semântico-pragmática (Himmelmann, 2004) descrevem processos de diversificação funcional e semântica. A divergência focaliza o fato de que formas de uma mesma origem se especializam em funções distintas; a expansão semântico-pragmática, por sua vez, descreve a ampliação dos contextos de uso que possibilita essa diversificação. Em termos construcionais, ambos os processos implicam a reconfiguração de *links* da rede e o surgimento de múltiplas trajetórias semânticas.

Decategorização (Hopper, 1991) e expansão de contexto sintático (Himmelmann, 2004) descrevem aspectos complementares da mudança formal: enquanto a decategorização focaliza a perda de características da categoria de origem, a expansão sintática focaliza a ampliação dos contextos distribucionais possíveis. Em termos construcionais, ambos os processos envolvem *entrenchment*, perda de composicionalidade e mudança formal com redistribuição sintática.

Finalmente, os princípios de Especialização e Persistência (Hopper, 1991) descrevem fenômenos opostos e, ao mesmo tempo, complementares: enquanto a especialização corresponde à perda

de composicionalidade e ao *chunking* (plano sintático), a persistência corresponde à preservação de traços semânticos da construção-fonte (plano semântico).

Traugott e Trousdale (2013, p. 107) sintetizam essa articulação ao afirmar que "os tipos de expansão identificados por Himmelmann (2004), que são fundamentais para uma perspectiva da gramática emergente sobre a mudança gramatical, são precisamente os tipos de mudança que encontramos na construcionalização gramatical". Essa constatação valida a hipótese central deste estudo, qual seja, a do diálogo entre o Funcionalismo Clássico e a LFCU, como um movimento não apenas possível, mas teoricamente necessário.

Essa convergência entre os princípios de Hopper (1991) e os tipos de expansão de Himmelmann (2004), quando reinterpretada à luz da LFCU, na verdade, permite avançar de uma leitura meramente comparativa para uma compreensão mais integrada da mudança linguística. Mais do que correspondências pontuais entre categorias analíticas, o que se observa é a descrição, por vias distintas, de um mesmo processo subjacente: a reorganização progressiva das redes construcionais em função dos padrões de uso. Nessa perspectiva, os princípios de Hopper (1991) podem ser entendidos como descrições de estados emergentes da gramática, isto é, como regularidades observáveis nos diferentes estágios de estabilização das construções, enquanto os tipos de expansão de Himmelmann (2004) capturam os movimentos dinâmicos que impulsionam essa reorganização. A LFCU, ao incorporar a noção de rede construcional e ao enfatizar o papel do uso na constituição da gramática, oferece o aparato teórico que permite articular essas duas dimensões em um modelo unificado.

Um ponto particularmente relevante dessa integração diz respeito ao papel da produtividade e da analogia na expansão da rede. A ampliação da classe hospedeira, discutida por Himmelmann (2004), não ocorre de maneira aleatória, mas segue padrões de

similaridade semântica e funcional, o que indica a atuação de mecanismos analógicos na formação de novas microconstruções. Esse processo, por sua vez, está diretamente relacionado ao princípio de estratificação, uma vez que cada nova forma incorporada ao domínio funcional contribui para o adensamento da rede e para o aumento de sua frequência *type*, conforme discutido por Traugott e Trousdale (2013). Do mesmo modo, a relação entre divergência e expansão semântico-pragmática evidencia o papel central da neoanálise na mudança linguística. A ampliação dos contextos de uso possibilita a emergência de novas interpretações, que, ao se estabilizarem, dão origem a construções distintas na rede. Esse processo resulta na bifurcação de trajetórias semânticas, em que formas originalmente associadas passam a desempenhar funções diferenciadas, reforçando a natureza dinâmica e não linear da mudança.

No plano formal, a articulação entre decategorização e expansão sintática revela que a mudança não se restringe à perda de propriedades morfossintáticas, mas envolve uma redistribuição funcional das construções no interior da rede. À medida que uma construção se torna mais esquemática e menos composicional, ela amplia seus contextos de ocorrência e passa a ocupar novas posições na arquitetura sintática, o que evidencia a interdependência entre forma e função na gramática emergente.

Por fim, a tensão entre especialização e persistência destaca um aspecto fundamental da mudança linguística: seu caráter simultaneamente inovador e conservador. Enquanto a especialização promove a fixação de padrões mais abstratos e menos composicionais, a persistência assegura a continuidade semântica, mantendo traços da construção-fonte ativos na rede. Essa tensão é central para a LFCU, pois evidencia que a mudança não implica ruptura, mas reconfiguração gradual de padrões já existentes.

Dessa forma, a articulação entre Hopper (1991) e Himmelmann (2004), mediada pela LFCU, permite compreender a mudança

linguística como um processo multidimensional, no qual diferentes mecanismos — formais, semânticos, pragmáticos e cognitivos — atuam de maneira integrada. Mais do que descrever fenômenos isolados, essa perspectiva possibilita modelar a gramática como um sistema dinâmico, continuamente reestruturado pelo uso, no qual as construções se organizam em redes hierarquicamente estruturadas e permanentemente abertas à expansão.

Essa reinterpretação integrada tem ainda uma consequência teórica importante: ela desloca o foco da análise de unidades isoladas para os padrões de relação que estruturam as redes construcionais na língua. Nesse sentido, os princípios de Hopper (1991) e os tipos de expansão de Himmelmann (2004) deixam de ser vistos como ferramentas descritivas independentes e passam a funcionar como dimensões complementares de um mesmo processo de organização da gramática. A mudança linguística, assim, não pode ser plenamente compreendida sem que se considerem simultaneamente os efeitos estruturais estabilizados e os movimentos de expansão contextual que os produzem.

É precisamente nesse ponto que a LFCU se revela particularmente produtiva, visto que oferece um modelo capaz de integrar essas diferentes dimensões em uma arquitetura teórica coerente. Ao conceber a gramática como rede e ao atribuir centralidade aos eventos de uso, a abordagem centrada no uso permite formalizar, em termos mais precisos, as intuições já presentes no Funcionalismo Clássico, ampliando seu alcance explicativo e fornecendo instrumentos analíticos mais refinados para a descrição da mudança.

Nesse sentido, o diálogo entre Hopper (1991) e Himmelmann (2004), tal como aqui desenvolvido, não se limita a uma aproximação entre autores ou modelos, mas aponta para a possibilidade de uma síntese teórica mais ampla, na qual os diferentes aspectos da mudança linguística são compreendidos como manifestações de um mesmo princípio organizador: a emergência de padrões a partir

do uso. A partir dessas considerações, torna-se possível, portanto, avançar para uma sistematização mais geral dessas relações, com o objetivo de explicitar, de forma ainda mais clara, os pontos de convergência e as contribuições específicas de cada modelo para a compreensão da mudança linguística. É esse movimento de síntese e formalização que orienta a seção seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo buscou demonstrar a viabilidade do diálogo entre o Funcionalismo Clássico, representado pelos princípios de Hopper (1991) e pelos tipos de expansão de Himmelmann (2004), e a Linguística Funcional Centrada no Uso. Procuramos demonstrar que essa aproximação não apenas é possível, mas teoricamente necessária e metodologicamente produtiva.

O Funcionalismo Clássico fornece à LFCU: (i) a centralidade do uso e da pesquisa baseada em dados como fundamento epistemológico; (ii) a direcionalidade geral das mudanças gramaticais (pragmática → semântica → sintaxe) como hipótese orientadora; (iii) a noção de gradualidade e de gradiência como princípio analítico; e (iv) o reconhecimento da polissemia motivada contextualmente como dado fundamental.

A LFCU, por sua vez, oferece ao Funcionalismo Clássico: (i) um modelo formalizado da arquitetura cognitiva das mudanças gramaticais, em termos de redes construcionais hierarquicamente organizadas; (ii) a noção de rede como estrutura unificadora, capaz de integrar léxico e gramática em um contínuo; (iii) um maior equilíbrio analítico entre fatores de forma e de significado; e (iv) conceitos operacionais como *entrenchment*, esquematicidade, produtividade e composicionalidade, que permitem uma descrição mais precisa dos processos de mudança.

Os dados do português analisados neste trabalho demonstram a operação simultânea dos princípios de Hopper (1991) e dos tipos de expansão de Himmelmann (2004) em processos de mudança gramatical em curso no português. Essa simultaneidade não é uma coincidência: ela reflete a natureza multidimensional da mudança linguística, que opera ao mesmo tempo nas esferas formal, semântica e pragmática.

Concordamos com Rosário e Oliveira (2016) quando afirmam que a LFCU representa um movimento de continuação do programa funcionalista clássico, pois consegue formalizar a arquitetura cognitiva das mudanças gramaticais em termos de redes construcionais, mantendo a ênfase nos dados de uso e na dimensão comunicativa da língua. Vale destacar que essa continuidade não implica ruptura: ela concretiza, antes, uma ampliação e um refinamento do programa funcionalista clássico, que permanece como fundamento incontornável da pesquisa linguística baseada no uso.

Por fim, é importante ressaltar que os princípios de Hopper (1991) e os tipos de expansão de Himmelmann (2004) não são ferramentas analíticas do passado, que devem ser preservadas simplesmente por razões de identidade teórica. São instrumentos heurísticos de primeira ordem, cuja riqueza descritiva continua sendo explorada e amplificada pela LFCU. Em síntese, o diálogo entre tradição e inovação, entre o Funcionalismo Clássico e a abordagem construcional da gramática, é uma condição necessária para o avanço da pesquisa linguística no século XXI. Este trabalho, sem dúvida, é uma pequena contribuição nesse campo, mas, ao mesmo tempo, é um convite potente para essa reflexão. Afinal, como defendem Rosário e Oliveira (2021), é importante pensarmos continuamente para "onde vai" a Linguística Funcional.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

DU BOIS, J. W. Towards a discourse basis of ergativity. **Language**, v. 63, n. 4, p. 805–855, 1987.

FILLMORE, C. J. **The mechanisms of Construction Grammar.** Berkeley Linguistics Society, v. 14, p. 35–55, 1988.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13–40.

GIVÓN, T. **On understanding grammar.** New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Org.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21–42.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Org.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

HOPPER, P. J. **Emergent grammar.** BLS 13, 1987.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). **Approaches to grammaticalization.** Vol. I. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17–35.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251–299, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: A Basic Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ROSÁRIO, I. C. do (Org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: EdUFF, 2022.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233–259, 2016.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. de. Linguística Funcional no século XXI: Quo Vadis? *In*: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUZA, M. M. (Org.). **Pesquisas Funcionalistas**: da Versão Clássica à Perspectiva Centrada no Uso. Natal: Edufrn, 2021. p. 384–429.

SCHMID, H-J. **The dynamics of the linguistic system**: usage, conventionalization, and entrenchment. Oxford: Oxford University Press, 2020.

SOUZA, B. da S. **Conectores de finalidade instanciados pelo subesquema [Prep (det) N de]$_{conect}$**: uma análise funcional centrada no uso. Tese de Doutorado — Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (Posling), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language**: A Usage-Based Theory of Language Acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). **Approaches to grammaticalization**. 2 vols. Philadelphia: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.